Capítulo XX — Continuação do precedente

O desprezo. Condenar a religião ao esquecimento, deixando que a juventude a ignore, tal é o primeiro efeito do paganismo na educação. Produz um segundo, muito mais grave: vota a religião ao desprezo.

Não esqueçamos o que dissemos, que a religião é a ciência universal, o alfa e o ômega de todas as coisas. Aplicam-se-lhe literalmente as palavras de são Tomás, falando da teologia:

> *A ciência da religião, diz ele, manda em todas as outras ciências, porque é a mais elevada de todas: faz que todas trabalhem sob as suas ordens, tem-nas todas ao seu serviço, porque está encarregada de pô-las em obra; de tal modo que, estando o fim, o alvo, o objeto de toda ciência contido no fim da religião e coordenado em relação a esse fim, a ciência da religião deve dominar todas as outras ciências e pôr em obra todos os seus ensinamentos.*[1]

Segue-se que a religião não pode ter, no pensamento, no estudo, na estima, na admiração de nenhum homem, nem superior nem rival; que as suas inspirações, os seus ensinamentos, os seus fatos, os seus combates, os seus triunfos, os seus homens, as suas glórias, as suas obras-primas estão acima de toda comparação. Só um papel principesco lhe convém: qualquer outro a degrada. É rainha ou nada é: *aut nihil, aut Cæsar*. Ora, pôr o paganismo e o cristianismo literário, artístico, histórico, científico, filosófico na mesma linha é fazê-los partilhar o império das ideias e pô-los no mesmo grau na estima da juventude. Pôr o paganismo literário, artístico, histórico, científico, filosófico acima do cristianismo é dar-lhe o cetro das ideias e pô-lo em lugar de honra na estima da juventude: é degradar o cristianismo, é aniquilá-lo, tanto quanto pode sê-lo, para as gerações nascentes, cujas primeiras impressões constituem o ser moral até a morte.

Postos esses princípios, entrai comigo na primeira classe que se apresente do primeiro colégio da Europa, desde o século XVI até hoje. Seja qual for o seu traje, o professor, do alto da sua cátedra, fala assim aos seus jovens ouvintes:

> *Meus amigos, houve na antiguidade dois países privilegiados, onde o gênio da eloquência, da poesia, da história, da filosofia, da arquitetura, da escultura, de todas as artes e de todas as ciências fixou longamente e exclusivamente a sua*

> *morada. Nesses países nasceram os maiores homens que o mundo conheceu. Roma e Atenas foram a pátria dos heróis mais célebres; a Grécia e a Itália, o duplo teatro dos fatos mais memoráveis e mais dignos do vosso estudo: aqui homens e coisas, tudo é maravilhoso.*

> *Para citar-vos apenas alguns nomes: Homero, Sófocles, Píndaro, Xenofonte, Tucídides, Esopo, Demóstenes, Sócrates, Platão, Aristóteles, Epaminondas, Alexandre, Virgílio, Horácio, Tito Lívio, Ovídio, Suetônio, Salústio, Cícero, Sêneca, Plínio, Cipião, Fábio, Mário, César, Pompeu, Augusto e uma multidão de outros são os reis do gênio, da ciência, do valor e da glória. Diante deles empalidecem todos os outros homens que os precederam ou que os seguiram. Eis as suas obras e os seus atos: tereis a ventura de estudar as primeiras; fareis dever de imitar os outros. Aprendei a pensar, a sentir, a falar como eles, se quereis pensar bem, sentir bem e falar bem. Devo apenas preveni-los de que esses grandes homens não eram cristãos; mas isso nada tira nem às suas obras-primas nem às suas belas ações.*

E as crianças embasbacadas creem na palavra do mestre, admiram na palavra do mestre e, sempre na palavra do mestre, começam logo a desdenhar tudo o que na literatura, na poesia, na filosofia, na história, nas ciências e nas artes não é de origem pagã. Tal é, abatido um grande número de louvores hiperbólicos, a maneira como o paganismo na educação é aplicado à alma impressionável da infância. E essa aplicação entusiástica repete-se cada dia, durante sete anos! E esses sete anos são aqueles em que se forma o homem para a vida! Qual pode ser, relativamente à religião, o resultado de semelhante sistema? Ouçamos a resposta de um douto bispo:

> *Não julgamos e sobretudo não condenamos ninguém; gememos pelos desvios do espírito humano, e cremos sem custo que, se tivéssemos vivido um século antes, teríamos infelizmente partilhado sempre nós mesmos os que aqui deploramos. Mas queremos, senhores, fazer-vos notar o que se passou então, ai de nós!, e o que se passa ainda quase por toda parte.*

> *Durante quase trezentos anos disse-se a toda a juventude estudantil, isto é, à que devia governar a sociedade: "Formai o vosso gosto pelo estudo dos bons modelos; ora, os bons modelos gregos e latinos são exclusivamente os autores pagãos de Roma e de Atenas. Quanto aos Padres, aos doutores e a todos os escritores da Igreja, o seu estilo é defeituoso e o seu gosto alterado: é preciso, pois, guardar-se bem de formar-se na sua escola." Eis o que se disse e*

> *sobretudo o que se fez praticar a todos os estudantes naquela idade em que é rigorosamente verdade que os hábitos se tornam uma segunda natureza.*

> *Daí, senhores, que aconteceu? O que devia acontecer necessariamente: é, primeiro, que toda essa juventude se apaixonou pelo estudo das produções do paganismo e que, da admiração das palavras, chegou à dos pensamentos e das ações.*

> *Com efeito, não foi então que se começou a inclinar-se diante dos sete sábios da Grécia quase tanto quanto diante dos quatro evangelistas; a extasiar-se com os pensamentos de um Marco Aurélio e com as obras filosóficas de um Sêneca, de modo a deixar crer que nada havia de mais profundo nos livros santos; enfim, a gabar as virtudes de Esparta e de Roma a ponto de fazer quase empalidecer as virtudes cristãs?*

> *Crê-se, senhores, que tais ensinamentos, tornados unânimes e contínuos, não deviam com o tempo fazer baixar o sentimento da fé e sobre-excitar desmedidamente o orgulho da razão? Seria temeridade dizer que, pondo assim por toda parte em relevo as obras do homem, em grande prejuízo da revelação, que é a obra de Deus por excelência, se preparavam os caminhos ao reino desse racionalismo descarado que chegou publicamente a adorar só a si mesmo?*[2]

Se essa resposta vos parece insuficiente, apelo para vós mesmo. Suponho que, nos dias da Igreja primitiva, os pagãos, escutando apenas um pretenso zelo pela literatura, pela ciência e pelas artes, tivessem tomado os nossos livros cristãos por base da instrução dos seus filhos; que tivessem pago milhares de mestres hábeis para excitar cada dia, durante sete anos, o seu entusiasmo pelos nossos apóstolos, os nossos mártires, os nossos oradores, os nossos historiadores, os nossos artistas, os nossos filósofos, dizendo-lhes em todos os tons que são os reis da eloquência e do gênio, que nada no paganismo se lhes pode comparar, que as nossas instituições e as nossas leis são a obra-prima da sabedoria e da equidade: o homem do mais vulgar bom senso não teria dito, e dito com razão, que os pagãos haviam perdido o juízo; que demoliam com as próprias mãos os seus templos e os seus altares; que o espírito cristão penetraria necessariamente a literatura, a filosofia, as ciências, as artes, os costumes, as crenças, a sociedade inteira; que, admiradores exclusivos dos homens e das coisas do cristianismo, os seus filhos desprezariam infalivelmente os homens e as coisas do paganismo; que abraçariam cedo ou tarde a religião do gênio e abandonariam sem retorno a que só produzira mediocridades?

Se mais tarde os pagãos tivessem gemido, se se tivessem espantado do desprezo dos seus filhos pelo culto paterno e da sua inclinação ao cristianismo, que nome teríeis dado às suas queixas e ao seu espanto? Pois bem! eis a nossa história. Há três séculos o paganismo está na educação, e vos espantais de que esteja nas ideias e nos costumes! Gemeis hoje mais amargamente que nunca ao ver a religião abandonada, desprezada, e com ela ao ver desaparecer o último dique à torrente que ameaça tudo arrastar, a última coluna da liberdade humana, o último marco dos vossos campos, o último ferrolho dos vossos cofres-fortes. Se as vossas queixas são sinceras, ajudai-nos a mudar de sistema: quem repele o efeito deve fazer desaparecer a causa.

O desprezo da religião, consequência inevitável do paganismo clássico, não espera os anos da idade madura para produzir-se. Vê-se manifestar-se no próprio colégio pela ausência total de piedade, pelo profundo desgosto dos deveres do cristianismo e da instrução religiosa, pela incredulidade e pela corrupção: dupla lepra que devora até o vivo as gerações nutridas do leite pagão. Manifesta-se sobretudo nas disposições dos mestres e dos alunos a respeito do homem em quem a religião se personifica. A seus olhos o capelão, quaisquer que sejam aliás as suas virtudes e talentos, já não é o homem necessário, o homem cujas lições devem excitar mais ardor, cuja palavra deve impor mais respeito e obter mais amor. É um não sei quê que não tem nome na língua da admiração, menos ainda na língua do coração, porque a própria ideia de que é o representante só tem um lugar muito secundário na estima, e nenhum na afeição do mundo que o cerca. Para uns, o capelão é um mercenário que instrui a tanto por dia; para outros, é um professor de religião, um oficial de moral que dá lições em horas regradas e que procura produzir nas almas, não a fé nas verdades santas, mas não sei que convicção seca e estéril, mais ou menos como a que produz um professor de álgebra ao demonstrar problemas.

A alteração. O paganismo clássico não tem apenas por efeito condenar a religião ao esquecimento e ao desprezo. A sua influência é ainda mais desastrosa: altera-a profundamente.

Que é o cristianismo? É a religião do espírito, a religião da eternidade. Temor, desprezo, desapego das riquezas, das honras, dos prazeres da terra; abnegação de si mesmo, mortificação da carne, com o fim de devolver à alma o seu legítimo império: eis o que prega o cristianismo desde o presépio até o Calvário, desde o berço até o túmulo, desde a primeira página do Evangelho até a última. Bem-aventurados os humildes, bem-aventurados os pobres, bem-aventurados os que sofrem; ai dos ricos, dos poderosos, dos felizes deste mundo: tais são as suas máximas.

Que é ainda o cristianismo? É uma religião sobrenatural que rejeita como insuficientes todos os motivos humanos, todas as intenções puramente naturais e, por conseguinte, todas as virtudes que não são inspiradas por vistas hauridas na ordem da graça.

> *“Não façais as vossas boas obras diante dos homens, com o fim de serdes vistos por elles: d’outra sorte não tereis a recompensa da mão de vosso Pai, que está nos ceos*

(Mt 6, 1). Permanecei unidos pela caridade ao vosso divino mediador, como o ramo da videira está unido à cepa que o nutre e sustenta, de outro modo os vossos méritos serão nulos; sereis árvores estéreis, servos inúteis que sereis lançados, de pés e mãos atados, nas trevas exteriores. A pureza de intenção e a graça santificante: eis, para o cristianismo, as duas condições indispensáveis das verdadeiras virtudes; sem elas, não conhece nem remunera nenhuma.

Que é enfim o cristianismo? É a religião da caridade, portanto da liberdade e da verdadeira igualdade entre todos os homens; é a religião da dedicação afetuosa do rico ao pobre e do pobre ao rico; é o respeito religioso do homem pelo homem, e sobretudo pelo ser fraco, pela criança, a mulher, o pobre, o doente, o prisioneiro, o servo. *«Amarás a teu proximo, como a ti mesmo»* (Mt 22, 39). *«Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se vos amardes huns aos outros»* (Jo 13, 35), *«não de palavra, nem de lingua, mas por obra e em verdade»* (1 Jo 3, 18). Tal é o espírito do cristianismo.

E agora, que é o paganismo? O paganismo é o antípoda do cristianismo. É a religião dos sentidos, a religião do tempo; é a adoração da matéria. Amor das riquezas, amor das honras, amor dos prazeres. Bem-aventurados os ricos, bem-aventurados os poderosos, bem-aventurados os que nadam no seio dos gozos: eis o que canta, o que ama, o que preconiza pelo exemplo dos seus homens e dos seus deuses, pela voz dos seus historiadores, dos seus poetas, dos seus oradores, dos seus artistas, de todos os que se dão por modelos aos nossos filhos.

Que é ainda o paganismo? É o naturalismo em matéria de virtude. Virtudes inspiradas por vistas humanas, pelo desejo de fazer-se um nome, pelo humor, pelo caráter, pelo temperamento; virtudes sem a graça santificante, que só pode torná-las úteis ao fim eterno do homem; virtudes de parada, de que se tem o cuidado de ressarcir-se em segredo. Daí historiadores, oradores, moralistas, Salústios, Sênecas, Cíceros, que falam eloquentemente da temperança; que declamam contra a ambição e a imoralidade e que no segredo da sua conduta não cessam de ultrajar o pudor, a temperança e todas as virtudes.

Que é enfim o paganismo? É a religião do ódio universal, a religião da escravidão e do desprezo profundo pela humanidade: desprezo do homem pelo homem e sobretudo pelo ser fraco, que pisoteia ou de que faz instrumento dos mais brutais gozos; pela criança, que deixa matar, vender, expor; pela mulher, de que consagra a vergonhosa escravidão; pelo pobre, que persegue com o seu desprezo e a quem chama animal imundo; pelo doente, que abandona, no seu leito de dor, aos cuidados imaginários de Esculápio; pelo prisioneiro, que degola; pelo escravo, de que faz menos caso que do cão que diverte o seu senhor ou da besta de carga que transporta os seus fardos. Eis o paganismo nas suas máximas, no seu espírito, nos seus atos.

Em duas palavras, o cristianismo é a glorificação do espírito; o paganismo, a glorificação da carne; espiritualismo de um lado, sensualismo do outro: eis o fundo oposto das duas religiões.

Ora, é o paganismo que instrui os nossos filhos. O seu ensino é tanto mais eficaz quanto fala em todos os tons, reveste todas as formas, insinua-se por si mesmo; pois exala-se naturalmente, como o perfume da flor, de cada livro, de cada página, de cada frase que a criança é obrigada a admirar, ler, estudar, compreender, traduzir, aprender de cor, numa palavra, a transformar em sua própria substância, e isso cada dia e a cada hora do dia durante sete anos!

Sob tal influência que pode vir a ser o espírito cristão? Ai! altera-se, enfraquece-se, extingue-se. A ordem sobrenatural desapareceu, só resta o naturalismo. O homem torna-se o que a educação o faz; torna-se carne, torna-se pagão. Olhai antes: o sensualismo e o egoísmo não transbordam sobre a Europa? Não penetram mais ou menos todas as almas, todas as artes, todas as ciências, todas as vidas, desde a que começa até a que acaba? Ouçamos um homem que não será suspeito.

> *É uma ingrata tarefa a educação da juventude burguesa. Terreno gasto, árido, estéril, onde já não germinam senão os conselhos do interesse. Conheço-os, esses filhos da burguesia; a juventude está no seu rosto, não está no seu coração. Especulam desde o colégio. O que ali menos procuram é o belo e o verdadeiro; são pouco sensíveis ao encanto das letras e à luz das ciências. A sua ambição próxima concentra-se toda na obtenção de um grau universitário, que lhes abrirá o que se convencionou chamar uma carreira; a sua ambição mais remota não visa além de um cartório de notário ou de procurador, de um diploma de advogado ou de médico, de uma dragona ou de um uniforme bordado; e sob essas diversas formas, o que todos enxergam e desejam é o bem-estar material; é uma boa mesa, belas vestes, uma boa cama e o resto no mesmo teor. A sua virtude dominante é a virtude dos velhos, a prudência. A glória é, para eles, uma vã fumaça, que só os tolos perseguem; o mérito é um luxo que não vale os esforços que custa; muito tolo quem lhe sacrificasse um prazer.*

> *Ocupam-se, por acaso, de negócios políticos? São conservadores sob a monarquia e reacionários sob a República. Pertencem ao grande partido da ordem; julgam que a religião é necessária para o povo, embora já não creiam em nada; defendem a família em geral, salvo afligir a sua pela preguiça e arruiná-la depois pelas prodigalidades; defendem também e, sobretudo, amam a propriedade, mas sem o trabalho. Há exceções a isso, bem o sei; elas só excitam ordinariamente à sua volta a zombaria. Na mais alta escola da Universidade, a Escola Normal, o ensino da filosofia era, há quinze anos, objeto de todas as ambições; desdenhado hoje, recruta-se difícil e mal. De onde vem isso? Escolhia-se outrora como tão seguro e mais lucrativo que outro; eis que se tornou perigoso e perseguido; afastam-se dele. Ora, meus jovens camaradas, é justamente por aí que deveria atrair as vossas preferências.*[3]

O retrato é de impressionante semelhança.

Saí do colégio, entrai na sociedade. Onde achareis hoje o espírito cristão de sacrifício e dedicação? Onde está o desprezo solene e sustentado das riquezas, das honras e dos prazeres? Em que época as três grandes concupiscências reinaram mais despoticamente, mais universalmente sobre o mundo? O ouro não é o deus deste século? O prazer não é o único paraíso que se ambiciona? O

dogma pagão da felicidade aqui embaixo, da felicidade pela riqueza, não se tornou a base das teorias selvagens que ganham hoje tão temível favor? Que direi ainda? O mundo atual não está cheio de oradores, de escritores, de homens de todas as classes letradas que, a exemplo dos seus modelos clássicos, falam eloquentemente da virtude, em que a sua conduta manchada testemunha que não creem? Enfim, como último traço de semelhança, não chegamos a ver uma sociedade inteira erguer-se à nossa volta e proclamar, como faziam os pagãos, que basta ser homem honesto e que se pode ser virtuoso sem o cristianismo?

Procurai agora desde que época começou na Europa esse espantoso rebaixamento do espírito cristão. Lembrai-vos de que tudo vem da educação; e, estou certo, indicareis, de olhos fechados, a época do renascimento do paganismo clássico.

Não se diga, para atenuar o poder acusador desse fato, que os clássicos pagãos foram corrigidos e expurgados; não se diga tampouco, para opor-se à reforma que pedimos, que se poderão corrigi-los ainda e expurgá-los com mais cuidado: vãs pretensões! As correções, as expurgações, as supressões tiraram ou tirarão, quando muito, as imoralidades grosseiras, os erros palpáveis;[4] mas nada mudarão ao espírito pagão, que respira necessariamente, inevitavelmente nas obras pagãs. Eis contudo onde está o perigo. Eis o que todos os Padres da Igreja, toda a Idade Média, haviam perfeitamente compreendido.

Quando os Jerônimos, os Agostinhos, os Gregórios proscreviam tão energicamente o paganismo clássico, quando lhe assinalavam tão eloquentemente o imenso perigo, credes seriamente que fossem inspirados pelo receio de ver o mundo cristão voltar ao culto de Júpiter, de Vênus ou de Mercúrio? Não, os deuses do Olimpo haviam caído dos seus altares para nunca mais subir a eles. O paganismo na sua forma material estava morto, bem morto; mas vivia no seu espírito; e esse espírito conservava-se nos livros pagãos; e esses livros pagãos, postos nas mãos da infância, são onipotentes para infundi-lo no coração das gerações cristãs, e por elas na sociedade. Ali estava o perigo; ali ainda está; ali estará sempre.

Que se tome cuidado: virá um momento, se já não veio, em que será impossível conjurá-lo.

> *Da questão do paganismo ou do cristianismo na educação depende a salvação do mundo.*[5]

Eis o que proclamava diante da Europa um dos videntes do século XVI. Há quinze anos um dos homens mais notáveis pela altura da inteligência e pela segurança do golpe de vista nos escrevia: *«Mais trinta anos de paganismo na educação, e é o fim da religião na Europa.»*

> *Eis o que se explica em retórica, e o que se explicará palavra por palavra, esquadrinhando, fazendo ressaltar o sentido de cada palavra. Aparentemente isso era bom para os gregos, pois adoravam Eurípides; pois bastava aos*

> *atenienses, vencidos na Sicília, recitar um só dos seus versos para resgatar-se da morte; mas isso convém ao nosso tempo e ao nosso país?*

> *A Assemblée nationale citava recentemente discursos dos Conciones, que são um verdadeiro aprendizado da revolta. Fazemo-nos fortes por mostrar nas edições clássicas, e a despeito de todos os Comunicados do mundo, exemplos de todos os gêneros de imoralidade, isto é, o ensino sério do adultério, do roubo, do suicídio, da impiedade, etc.*

> *Antigamente dizia-se: Græcum est: non legitur: É grego, isso não se lê. Hoje parece que se diz: Græcum est: non reprehenditur: É absurdo, é infame, mas é grego!*

> *Garante-se que uma comissão está encarregada, no ministério da instrução pública, de rever os livros dos liceus. Essa comissão não é inútil.*

> *24 de março de 1851.*

Notas

[1] *Theologia imperat omnibus aliis scientiis tanquam principalis*, etc., etc.

[2] Carta do Sr. Bispo de Langres aos superior e diretores do seu seminário menor.

[3] Sr. Jacques, professor de filosofia em Paris.

[4] Parece que ainda restam algumas de natureza a escandalizar até os homens da nossa época. Não faz um mês que se liam nos jornais os seguintes pormenores: «O *Messager de l'Assemblée* cita um trecho de Eurípides, que nos abstemos de reproduzir, e acrescenta:

[5] *Punto unde dipenda la salute dell'universo.* [Ponto de que depende a salvação do universo.] P. Possevino, *Ragion.*, etc.

Revision #1
Created 22 November 2026 17:19:41 by Admin
Updated 22 November 2026 17:19:41 by Admin